

Os blogs e a prática do Jornalismo no Brasil

Uma reflexão sobre os meios, as linguagens e a cultura

Mágda Cunha

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

A crescente expansão e importância dos blogs em diferentes dimensões tem gerado um questionamento relevante: a narração de todos para todos e a possibilidade de muitos gerarem informação pode tornar obsoleto o papel do jornalismo? Uma iniciativa que começou associada aos diários íntimos, hoje ganha uma perspectiva de espaço para narração jornalística. Profissionais da área estão se apropriando disso e, atuando ou não em empresas jornalísticas, são autores de blogs. No Brasil, os blogs tratados jornalisticamente com preconceito numa fase inicial, hoje tem respeitabilidade e são largamente citados pelos jornais convencionais. Algumas empresas jornalísticas lançam blogs de seus profissionais mais conhecidos que, ao acompanhar um determinado acontecimento para o veículo, narram simultaneamente para seu blog. O que significam os blogs no jornalismo é uma das questões centrais desta reflexão. Neste texto, serão apresentados os casos mais significativos relacionando blogs e jornalismo no Brasil e descritas as iniciativas individuais e de empresas. Uma das questões que merece atenção também diz respeito ao interesse das corporações em apropriarem-se deste modelo de comunicação altamente personalizado. Esta análise, porém, não pode estar dissociada de uma relação entre a história dos meios, linguagens e cultura para investigar como a narração jornalística chegou ao atual momento.

1. Introdução

Diante de tantas reflexões sobre meios, linguagens, narrativas e processos de produção da informação o espaço e o papel do Jornalismo devem passar também por uma avaliação. Muitos autores arriscam informações catastróficas sobre o futuro do Jornalismo e dos próprios meios. Outros entendem que o papel do Jornalismo será fortalecido, com a diversidade de possibilidades de produção de informações, distribuída não somente entre profissionais, mas por toda a sociedade. Linguagens associadas à tecnologia e a cultura estão relacionadas ao Jornalismo neste momento de ruptura, reacomodação e reinvenção de processos.

Alasuutari (2005) afirma que o conceito básico dos meios começa a torna-se obsoleto, por estar rodeado por um conjunto de imagens, baseado na idéia de esfera pública como arena onde as

peças que nela falam podem ser ouvidas por muitas outras. A outra imagem é a do canal por onde se tem informação sobre a sociedade, “o a lente pela qual se tem a imagem da realidade fornecida pelos media, que pode ser distorcida ou não.”(Alasuutari,2005: 13) De acordo com o autor, os dois conceitos tornam-se obsoletos em um contexto com diversidade de canais, incluindo a telefonia celular ou a internet, onde existem diferentes argumentos e informação variada, não fazendo sentido debater se a imagem dada por determinado canal estaria ou não distorcida. Na essência desta “imagem dada” pelo canal está a narração dos fatos praticada pelo Jornalismo.

Traquina(2002) escreve, ainda no início deste século, que alguns autores arriscam, quando o jornalismo mal começa a sofrer o impacto do cibermídia, tomar posições categóricas sobre o futuro do Jornalismo. Ele cita o pensamento de John Pavlik, diretor do Centro de Novos Media da Universidade de Columbia, por exemplo, para quem os jornalistas são uma espécie ameaçada ou David Bartlett cuja previsão é de que os jornalistas tornar-se-ão desnecessários. Com o assunto em pauta, surgem os opositores a este pensamento, como é o caso de Howard Rheingold, também citado por Traquina(2002), que defende uma valorização do papel dos jornalistas nas sociedades contemporâneas com a chegada do cibermedia.

Neste mundo, como afirma Chartier (1998), um produtor de texto pode ser imediatamente o editor, no sentido daquele que dá forma ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores. Na rede eletrônica esta difusão é imediata. O autor cita ainda o sonho de Kant de que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo, quaisquer que elas fossem e que pudesse, ao mesmo tempo, refletir sobre o juízo emitido pelos outros.

Chartier (1998:9) faz uma avaliação sobre a chamada revolução eletrônica, passando por aspectos voltados ao autor, ao texto, ao leitor e a leitura. Relata a transição ocorrida da reprodução de um texto copiado à mão, para a nova técnica baseada nos tipos móveis. A transformação não é tão absoluta como se diz e um livro manuscrito, sobretudo nos seus últimos séculos, XIV e XV, e um livro pós-Gutenberg baseiam-se nas mesmas estruturas fundamentais, as do códex. “Há, portanto, uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso, embora durante muito tempo se tenha acreditado numa ruptura total entre uma e outra.”

O relato de Chartier (1998) confirma o continuum descrito por autores como Santaella (2003) ou o *degradé* defendido por Souza (2001). A cultura humana existe num continuum, ela é cumulativa, não no sentido linear, mas de interação incessante de tradição e mudança, persistência e transformação. O entendimento de que uma novidade não termina com a outra, mas gera transformações, confirma o objetivo deste texto, de entender as linguagens como fator de permanência, influenciando e sendo influenciadas pela cultura, mas transformando-se a partir dos suportes tecnológicos moldados pela própria cultura. A tecnologia que dá suporte à produção cinematográfica, exemplifica Santaella, pode mudar, mas não muda a linguagem que foi inventada pelo cinema. Souza compara este caráter de continuum a um *degradé* de condições de acesso às linguagens, segundo as tecnologias, de forma extremamente diferenciada.

Já na época do surgimento do impresso, as mudanças não eram tão radicais. Precisavam sem dúvida passar por uma transição por intermédio da cultura para se integrarem à vida cotidiana. Como aponta Chartier (1998), persistia uma forte suspeita diante do impresso, que supostamente romperia a familiaridade entre o autor e

seus leitores e corromperia a correção dos textos, colocando-os em mãos “mecânicas” e nas práticas do comércio. As desconfianças fazem parte dos diferentes períodos históricos em que as mudanças parecem trazer rupturas. Estes rompimentos são resultado da própria cultura, são influenciados por ela, mas precisam do tempo desta mesma cultura para se acomodarem à rotina. Se o homem é propulsor do surgimento de mudanças, como do manuscrito para o impresso, e assim por diante, a cultura da qual ele é parte tem o seu tempo de adaptação. Por isso o continuum descrito pelos autores, esta convivência e sobreposição de eras, culturas e linguagens. Uma diferença clara existe, porém, entre os diferentes períodos: a velocidade com que as mudanças ocorrem e se integram à sociedade. Todavia, como afirma Chartier (1998:77), ao citar Michel de Certeau, a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados de parte do leitor. É ele quem determina os tempos de leitura, mesmo influenciado pela cultura. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mudam os gestos segundo os tempos e lugares; os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. “Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler.”

Neste continuum ou degradé, onde estão situados os blogs dentro de um ambiente jornalístico no atual contexto? Esta é uma das questões que se pretende investigar aqui, descrevendo a situação brasileira relacionada ao jornalismo, localizando os blogs na história das mídias e das linguagens de comunicação, que sofrem fortes influências da cultura. Poderão ser os blogs a grande forma de narração das informações, tornando obsoletos modelos convencionais?

2.A situação brasileira

O Brasil, no que diz respeito a blogs jornalísticos, vive algumas situações que não poderiam ser consideradas peculiares de um país ou de uma determinada cultura. São marcas de uma intersecção, que pode ser expressa pelo continuum ou degradé descrito pelos autores anteriormente. No atual contexto, os blogs vivem três fases. A primeira diz respeito a sua constituição inicial, uma iniciativa que começou associada aos diários íntimos ou como um treinamento, por intermédio de páginas pessoais, para dominar a técnica de como colocar texto e fotos na internet. De certa forma, como afirma Schittine (2004), o blog surgiu como um sistema de disponibilização de textos e fotos na web, menos complexo e mais rápido, o que facilitou a fabricação de páginas por indivíduos com pouco conhecimento técnico.

O relacionamento com o jornalismo começou quando ele foi descoberto realmente por profissionais da área. Sozinhos, eles começaram a produzir suas informações independentes das grandes empresas de comunicação, atuando ou não nestas organizações. Porém, é importante ressaltar que estes profissionais construíram sua credibilidade na mídia convencional e hoje migram esta mesma credibilidade para blogs particulares ou mesmo organizados pelas empresas. Neste caso, podem ser citados profissionais brasileiros como Ricardo Noblat, Juca Kfourri, ex-comentarista de esportes da Rede Globo, atualmente atuando na ESPN Brasil, Paulo Markun, TV Cultura, entre outros. Tratados jornalisticamente com preconceito numa fase inicial, esses blogs hoje tem respeitabilidade e são largamente citados pelos jornais convencionais.

Uma terceira fase que se desenha neste momento diz respeito às empresas jornalísticas que lançam blogs de seus profissionais mais conhecidos que, ao acompanharem um determinado acontecimento

para o veículo, narram simultaneamente para o seu blog. O espaço, todavia, não fica distinto da página web da empresa. Os internautas que buscam o blog devem acessar a página da própria organização. Este é o caso, por exemplo, da RBS, no Rio Grande do Sul, proprietária de empresas de rádio, televisão e jornais, além de portais na internet. Esta pode ser apontada como uma das mais significativas evidências de um degradé na apropriação das mídias pela cultura, neste momento. Trata-se de uma influência dos novos modelos mídiáticos sobre os convencionais. A diversidade de iniciativas também evidencia o fato. Se até agora, todos faziam jornais, rádio e televisão de uma maneira muito parecida, as tentativas de acompanhar as modificações, usando as iniciativas proporcionadas pela internet são díspares. Simultaneamente ao fato de um jornalista escrever seu blog e atuar em uma empresa, no centro do país, na região sul do Brasil uma outra organização procura usar blogs de comunicadores de rádio, televisão e jornal em seu portal.

O site de Paulo Markun, www.markun.weblogger.terra.com.br, traz comentários sobre o dia-a-dia da política nacional. Na opinião do jornalista, no Brasil, os blogueiros ainda não têm essa capacidade de furar a imprensa, pois falta aproveitar melhor as principais características do blog, que são a velocidade e a absoluta independência. No entendimento de Markun, em sua imensa maioria, os blogs são versões eletrônicas de velhos diários pessoais.

Paulo Rebêlo, correspondente no Brasil da Wired News, subeditor do Webinsider e um dos integrantes do PontoJOL, blog sobre jornalismo online, é incisivo quanto ao lugar do Jornalismo. "Jornalismo requer responsabilidade, sempre. É difícil encontrar responsabilidade jornalística nos blogs, excetuando uns poucos. O

blog não tem nada a ver com democratização da informação - a internet, propriamente dita, é que tem." Segundo ele, conceitual e democraticamente, não há diferença entre manter um blog ou um site pessoal. O editor entende que o blog apenas facilita por causa da ferramenta de atualização, que é bem simples e funciona como diário e arquivo ao mesmo tempo.

O fato de um blog ser mantido por um profissional qualificado, com reconhecida responsabilidade jornalística, tende a tornar o espaço mais conhecido. Antes de tudo, na avaliação de Rebêlo, é preciso lidar com fatos, fontes fidedignas, bagagem cultural e embasamento teórico e prático. "Opinar qualquer um faz. E o blog é uma ferramenta perfeita para opinar, além de ser versátil, fácil e rápido." No pensamento de Rebêlo, existe público para todo tipo de veículo ou abordagem. Do mesmo modo como há público para determinadas revistas ou emissoras. Uma alternativa, segundo ele, é se jornalistas das redações fizessem algo em conjunto, driblando assim os problemas de espaço/anunciantes.

3.Credibilidade

O jornalista Carlos Castilho, em coluna no Observatório da Imprensa, relembra que o tema principal do congresso sobre blogs, jornalismo e credibilidade ("Blogging, journalism & credibility: battleground and common ground", na Universidade de Harvard, EUA) era a credibilidade na informação online. Porém, o assunto que dominou os debates foi a relação entre blogs e jornalismo, especialmente as mudanças que a tecnologia está provocando em valores da imprensa como objetividade, isenção e direito autoral. O encontro foi considerado o mais importante evento sobre o futuro do jornalismo e da imprensa já realizado até agora, mesmo que a proposta inicial não tivesse esta pretensão.

Um destaque, conforme Castilho, é de que o atual modelo de veracidade jornalística já não faz o mesmo sentido. Os executivos da mídia entendem que o problema é causado pela falta de controle mais rígido na produção das notícias. Os blogueiros e pesquisadores de novas mídias acreditam que a questão é mais complexa, pois, o que estaria havendo é uma substituição de padrões de credibilidade fixados por grupos restritos de pessoas, em benefício de percepções coletivas. De qualquer forma, uma questão é certa: o jornalismo descobriu os blogs depois que as audiências criaram o modelo por intermédio da rede.

4. Personalização

Uma das possibilidades oferecidas pelo jornalismo praticado por intermédio dos blogs é a personalização de conteúdos, conceito ainda não descrito claramente. Até agora, entende-se personalização como uma prerrogativa do emissor da informação, mesmo em um blog. A notícia tem as características de quem produz, neste caso. Em uma cultura que viveu durante muitos anos baseada na segmentação de informações, ainda relacionada aos meios convencionais, com finalidades especialmente comerciais, as tecnologias digitais oferecem a perspectiva de personalizar as informações, chegando ao extremo da individualização. Mais uma vez, os meios, acostumados a falar para as grandes massas, a informar as grandes audiências, encaram um paradoxo: a demanda por uma informação individual.

Personalização em comunicação pode estar ligada também à possibilidade de o público interagir sobre a forma e o conteúdo do jornal, para consumir unicamente o que quer e como quer, dentro dos limites da própria tecnologia. Incluem-se aí as notícias, o recebimento de um jornal a la carte, o recebimento de newsletters ou mensagens com fins publicitários.

5.O papel do jornalismo

Considerando-se a complexidade do tema, envolvendo credibilidade, perspectivas de personalização, além das iniciativas das empresas em criarem blogs e dos próprios jornalistas publicarem também por intermédio de blogs, o futuro do jornalismo volta ao debate. Adelmo Genro Filho (2004:160), ao abordar a necessidade de uma teoria do Jornalismo, ressalta que a distinção entre o Jornalismo e a imprensa é fundamental: a imprensa, segundo ele, é o corpo material do Jornalismo, é o processo técnico e mecânico que resulta num produto final, composto de papel e tinta, “o jornalismo é a natureza da informação que surge em função destes meios e das necessidades sócio-políticas de um período histórico.” O autor afirma ainda que o aparecimento do Jornalismo está ligado à difusão da

ideologia que vai funcionar como cimento do edifício da ordem social burguesa. Essa estrutura de comunicação (de caráter industrial), como o próprio sistema mecânico que lhe serviu de corpo, é incorporada à humanidade como um aspecto de sua capacidade criadora, através da qual se origina a ideologia, a cultura e o próprio conhecimento. (Adelmo Genro Filho, 2004: 162,163)

Logo, segundo ele, o desaparecimento do Jornalismo está condicionado ao desaparecimento da necessidade social que o fez surgir, ou seja, existirá até que seja superada a necessidade da informação de caráter jornalístico. O pensamento confirma as relações tramadas na cultura entre Jornalismo, meios tecnológicos e linguagens narrativas.

Agora, o acontecimento, “aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais”, conforme esclarece Rodrigues (1993:27), circula sem mediação em alguns momentos. Narrá-lo simplesmente não é mais suficiente. Por isso, as técnicas jornalísticas cada vez mais tornam-se relevantes. É preciso observar o fato e investigá-lo sob diferentes dimensões que podem levar ao texto, ao áudio, à imagem ou à multimídia. Esta investigação e escolha estão associadas à técnica da narração jornalística. Os critérios de noticiabilidade, conforme descrição de Wolf (2002), sobre os fatos que têm a capacidade ou não de virar notícia, mantêm sua importância num ambiente de grande diversidade de possibilidades narrativas. Porém, além dos valores-notícia, sugeridos pelo autor, surgem os valores de narração, que vão emergir sempre por intermédio de linguagens, determinadas na base da observação do fato. O acontecimento não é somente noticiável ou não, mas tem narratividade mais adequada através de uma ou outra linguagem, associada ou não a um meio específico.

O profissional precisa estar preparado para assumir a reacomodação ou reinvenção que passa também pela valorização da

profissão, como a única capaz de combinar as diferentes técnicas de observação e de narração dos acontecimentos. É necessário que neste momento o jornalista se aproprie destas possibilidades e atue diretamente na consolidação da linguagem do ciberespaço, que chega ao século XXI sofrendo o impacto da cultura, mas também exercendo influência sobre ela. Fato e linguagem são soberanos. O jornalismo, como lugar da técnica narrativa, certamente sofre as influências deste processo, mas também vai influenciá-lo.

6.O tema não prevê conclusões

A comunicação, ou mesmo a prática do Jornalismo, por intermédio de blogs, permite uma individualização ou personalização cada vez maior de conteúdos. Todos podem produzir para todos e encontrar na rede a informação que mais lhe interesse ou com a qual mais esteja identificado naquele momento. Lipovetsky (2004) descreve a hipermodernidade baseada numa sociedade hiperindividualista, onde investe-se emocionalmente naquilo que é mais próximo, nos vínculos fundados sobre a semelhança e a origem em comum. Ainda de acordo com o pensamento de Lipovetsky, na atual sociedade, nasce toda uma cultura hedonista e psicologista que incita à satisfação imediata das necessidades, enaltecendo o “florescimento” pessoal. Na comunicação, estas características apontam para uma tendência à produção individualizada ou personalizada de informação, seja no âmbito da publicidade ou mesmo do jornalismo. Neste cenário, o conceito de mídia está sendo repensado ou reinventado. Qual a vantagem ou mesmo sentido, por exemplo, de um blog ligado à página web de uma empresa de comunicação? Qual a possibilidade de independência na rede por intermédio desta iniciativa? Este espaço vai funcionar como um complemento, mas não como um autêntico blog. Por que os internautas inserem comentários em blogs de determinados jornalistas ou mesmo de amigos e não fazem comentários nestes

mesmos blogs de empresas? Estas são perguntas cuja resposta evidencia que a internet caminha para um horizonte em que cada um terá sua própria mídia. As empresas estabelecerem blogs neste momento é uma iniciativa de sentido duvidoso ou fruto da intersecção, de um continuum proporcionado pela transição. Os blogs são mídia independente e, presentes nas páginas das empresas, assumem a identidade das organizações. A audiência, que hoje também produz, reconhece os contratos de leitura estabelecidos e decide comentar ou não. Entende-se que os blogs não levarão ao fim do jornalismo ou de qualquer mídia, porque a história já tem comprovado que um modelo não termina definitivamente com outro.

Machado (2002:109) entende que a novidade introduzida pela informática está justamente na possibilidade que ela abre de fundir num único meio e num único suporte todos os outros meios e de invocar todos os sentidos, pelos menos os mais desenvolvidos no homem. Mas ela o faz de uma forma integrada, de modo que textos escritos e oralizados, imagens fixas e em movimento, sons musicais ou ruídos, gestos, toques e toda sorte de respostas corporais se combinam para constituir uma modalidade discursiva única e holística. A informática, nos impõe, portanto, o desafio de aprender a construir o pensamento e expressá-lo socialmente através de um conjunto integrado de meios, através de um discurso áudio-tátil-verbo-moto-visual, sem hierarquias e sem a hegemonia de um código sobre os demais. Questionando a evolução das linguagens, Machado pergunta se não seriam os filmes, os vídeos, os discos e muitos programas de rádio e televisão os livros de nosso tempo?

Permanecem, na base de tudo, certas regras, cuja origem, como pensa Barthes, vêm de uma lógica milenar da narrativa, de uma forma simbólica que constitui as pessoas antes de seu nascimento. Vêm do imenso espaço cultural do qual a humanidade é apenas uma passagem. E, se essas regras integram a cultura,

estruturam-se pela linguagem e pelas formas de narrar, definindo também os meios tecnológicos e os seus conteúdos. Barthes (1988) afirma que o texto é espaço de múltiplas dimensões, com origem na cultura, que é também linguagem. Autores e leitores, sugere Barthes (1988), não são mais do que uma passagem desse imenso espaço cultural. Ao final, a relevância maior em todo este complexo processo deve estar voltada para a narração e para as linguagens. Na base de todo e qualquer debate, abstraindo-se aspectos referentes aos suportes tecnológicos ou aos recursos criados para comunicação, permanece, a lógica narrativa. Os formatos vão sendo adaptados e passando por apropriações diferenciadas, conforme as rupturas e conseqüentes reinvenções da cultura.

No atual momento, mesmo com todas as terminologias que possam ser utilizadas, degradé, continuum ou intersecção, um fato é claro: a velocidade com que as modificações estão acontecendo. As apropriações não chegam a se construir e o processo passa para uma fase posterior. Por isso, a dificuldade encontrada muitas vezes na descrição de um cenário, como o que diz respeito aos blogs e ao jornalismo. Sabe-se que a narração permanece, pois acompanha o homem desde o início de sua existência. Seja ela oral, gestual ou escrita, certamente não perderá seu sentido. As técnicas, porém, começam a ser revisadas ou mesmo reinventadas. Os blogs podem durante algum tempo não trazer problemas às empresas quanto a índices de audiência, mas já provocam uma re-acomodação das técnicas narrativas e, neste caso, está incluído o Jornalismo.

Guattari (1987), antevendo um futuro, afirma que a solução para a democratização da informação estaria na evolução das novas tecnologias. As rádios livres, e amanhã as televisões livres, são apenas uma pequena parte do iceberg das revoluções midiáticas que as novas tecnologias da informática nos preparam. Amanhã, os bancos de dados e a cibernética colocarão em nossas mãos meios de

expressão e concertação por enquanto inimagináveis. Basta que esses meios não sejam sistematicamente recuperados pelos produtores de subjetividade capitalista, ou seja, as mídias "globais", os manipuladores de opinião, os detentores dos star system político. Trata-se, em suma, de preparar a entrada dos movimentos de emancipação numa era pós-mídia, que acelerará a reapropriação coletiva não apenas dos meios de trabalho, mas também dos meios de produção subjetivos.

Berardi (2002) escreve que enquanto o sistema midiático tornava-se o agente central da colonização mental e do autoritarismo político, Guattari falava da sociedade pós-midiática. Os progressos da informática tornariam possível uma larga difusão de combinações rizomáticas. Segundo ele, "relações bidimensionais e multidirecionais entre coletivos de enunciação pós-midiática". Estas combinações, assim como seus modelos relacionais, iriam infectar o sistema televisivo centralizado, para depois perturbar e desestruturar todas as formas hierárquicas estatais e econômicas.

Guattari descreve a utopia da rede, rizoma proliferante de cérebros e de máquinas. Aquela utopia se encarnou na tecnologia, na cultura, inclusive na imprensa. Mas como todas as utopias, naturalmente, não é pacífica, afirma Berardi (2002). Trava-se uma guerra interminável entre o domínio e a liberdade. No transcorrer dos anos 90, o rizoma desenvolveu-se, mas foi contaminado por vírus semiotizantes de natureza centralizadora e hierarquizadora. A penetração da publicidade, do business, da televisão na rede telemática foi um dos aspectos dessa infiltração. A profecia pos-midiática de Félix Guattari segue sendo desmentida e confirmada a cada dia pela dinâmica incessante do domínio e da liberdade.

Se Guattari, como teórico do movimento das rádios livres e de tantos outros, foi capaz de antever a sociedade em rede, estes conceitos encontram-se hoje no centro de um grande debate, onde

convivem liberdade e domínio, possibilidade de existência global e aprisionamento da expressão. Os rizomas se ramificam e se reticulam, num intenso processo de desterritorialização e reterritorialização das relações sociais, conforme pensam Guattari e Deleuze(1997). Nesse sentido há muitas correntes de pensamento.

Lévy (2001:12), com otimismo, entende que o mundo que se edifica hoje não é perfeito, tranquilizador ou protetor. Está incessantemente entre o caos e a desorganização. Mas é nessa borda da ordem e do caos, segundo o autor, que se situam a invenção e a energia espiritual máxima. “Na grande roda da vida, os dois movimentos, nascimento e morte, são complementares”. A comunicação virtual, em que todos estão interessados nas mesmas coisas, como afirma Lévy (2001), num mundo pela primeira vez mundial, pode representar, segundo Virilio (1993) um desequilíbrio freqüente entre a informação direta e a informação indireta, fruto do desenvolvimento de diversos meios de comunicação.

Estas reflexões entre tantas sobre a atual era pos-midiática oferecem perspectivas que permitem hoje, pelo espaço virtual, a produção de todos para todos, sem uma emissão centralizada para uma recepção dispersa. Boa parte da produção na internet, especialmente blogs que se expandem a cada momento, obedece ao desejo embrionário das rádios livres estudadas por Guattari de fazer o seu espaço e não de difundir por meios sofisticados, sem pensar na ampliação do alcance já existente na rede. Em alguns casos, reúnem uma combinação de citações literárias, de música clássica, diálogos sem estrutura, linguagem desenfreada e reportagens dentro de acontecimentos diversos. São diários íntimos e públicos. Não há preocupação com índices de audiência ou eventuais julgamentos de valor. Querem garantir aquilo que os agrada. As mudanças pelas quais vai passar o Jornalismo, mesmo permanecendo nas mãos das empresas de comunicação, serão certamente influenciadas por este

cenário. O horizonte aponta para a reinvenção de técnicas narrativas, posturas e interesses. Nada mais termina para sempre. Tudo pode ser reinventado, atualizado, tendo como base a narração.

Referências

- ALASUUTARI, Pertti. O conceito clássico de mídia está a tornar-se obsoleto. Entrevista a Anabela de Souza Lopes e Carla Baptista. In *Media & Jornalismo*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra, 2005.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BERARDI, Franco. "Postmedia" in *MEDIA ACTIVISM; Strategie e pratiche della comunicazione indipendente; mappa internazionale e manuale d'uso*; Matteo Pasquinelli (org). Roma, DeriveApprodi, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro, do leitor ao navegador*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI. *Mil Platôs*. vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- GENRO Filho, Adelmo. Sobre a necessidade de uma teoria do jornalismo. In *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Vol.1, n.1. Florianópolis: Insular, 2004.
- GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ROLNIK, Suely. *Micropolítica, cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- LÉVY, Pierre. *A conexão planetária. O mercado, o ciberespaço, a consciência*. São Paulo: Ed.34, 2001.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- MACHADO, Arlindo. As mídias são os livros do nosso tempo? In Cicilia Peruzzo. *A mídia impressa, o livro e as novas tecnologias*. São Paulo: Intercom, 2002.
- ARLINDO; Magri, Celso; Masagão, Marcelo (Orgs.). *Rádios livres. A reforma agrária no ar*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RODRIGUES, Adriano. O acontecimento. In Traquina, Nelson (org.).
Jornalismo: questões, teorias e estória. Lisboa: Vega, 1993.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das
mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHITTINE, Denise. Blog: comunicação e escrita íntima na internet.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SOUZA, Mauro Wilton. Novas linguagens. São Paulo: Editora
Salesiana, 2001.

TRAQUINA, Nelson. O estudo do jornalismo no século XX. São
Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

VIRILIO, Paul. O espaço crítico. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. Lisboa: Presença, 2002.

BLOG DO NOBLAT

<http://noblat1.estadao.com.br/noblat/index.html>

[consultado em 2006-08-25]

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=314ENO001>

[consultado em 2006-08-24]

PANOPTICON

http://www.facom.ufba.br/panopticon/2002_09/ent_fmace_reb elo.htm

[consultado em 2006-08-26]

LINK – SUA VIDA DIGITAL

http://link.estadao.com.br/index.cfm?id_conteudo=2992

[consultado em 2006-08-23]